

## Por que precisamos estudar e pesquisar História da Educação Física e do Esporte?

Ester Liberato Pereira<sup>1</sup>, Georgino Jorge de Souza Neto<sup>1</sup>, Rogério Othon Teixeira Alves<sup>1</sup>

Data de Submissão: 09/05/2020 Data de Publicação: 19/11/2020

### RESUMO

O presente relato apresenta, de maneira sucinta, uma experiência vivenciada e desenvolvida, bem como uma reflexão sobre a sua prática a partir de alicerces teóricos. Tratou-se de uma ação de ensino remoto no curso de graduação em Educação Física, habilitação Licenciatura, ocorrida durante o período de “tratamento excepcional” determinado pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), em função da pandemia gerada pela doença originada do novo coronavírus (COVID-19). Dentre os temas abordados pelas *Aulives*<sup>2</sup>, os professores Georgino Jorge de Souza Neto e Rogério Othon Teixeira Alves discutiram a seguinte questão: “Por que devemos estudar História da Educação Física e do Esporte?” A *live* aconteceu, pela plataforma do *Instagram*, no dia 23 de junho de 2020 e foi moderada pela professora Ester Liberato Pereira. Identifica-se, assim, a partir da articulação entre a teoria que embasou a referida ação e a sua efetiva prática, que urge incentivar-se e investir-se na realização de trabalhos acadêmicos e científicos, de forma constante, que proponham uma discussão acerca da História da Educação Física e do Esporte, uma vez que, de forma geral, ainda localizam-se escassos estudos que anunciem tal inquietação. A ausência de debates deste caráter não colabora, tampouco, com o incentivo à procura por ações ligadas ao redimensionamento do ensino desta disciplina, afora apoiar imprecisões no que acena à sua presença no arcabouço curricular dos cursos de graduação em Educação Física.

**Palavras-chave:** Pesquisa. História. Educação Física.

### INTRODUÇÃO

O presente relato apresenta, de maneira sucinta, uma experiência vivenciada e desenvolvida, bem como uma reflexão sobre a sua prática a partir de alicerces teóricos. Tratou-se de uma ação de ensino remoto no curso de graduação em Educação Física, habilitação Licenciatura, ocorrida durante o período de “tratamento excepcional” determinado pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), em função da pandemia gerada pela doença originada do novo coronavírus (COVID-19).

---

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

O advento da pandemia de *COVID-19* impôs inúmeros desafios à vida em sociedade. Num contexto global, possivelmente, as últimas gerações só foram tão influenciadas, da mesma forma, pela conjuntura da Segunda Grande Guerra, finalizada na primeira metade do século XX. Quase tudo é novo; ou como se vem definindo: após a pandemia, haverá um “novo normal”.

O ofício de educador(a) também está sendo modificado; as novas propostas de ensino remoto sacudiram as metodologias de ensinamentos presenciais e impuseram, aos(as) professores(as), o desenvolvimento de aulas que pudessem ser acessadas à distância e dirimissem o prejuízo causado pela proibição dos encontros em salas de aula.

No quesito “educação”, em virtude da pandemia, a maioria das universidades públicas brasileiras decidiu pela suspensão total das aulas. Contudo, contrariamente, a direção da Unimontes resolveu por manter, em funcionamento remoto, as atividades acadêmicas de ensino, decretando “tratamento excepcional” desde o mês de março de 2020.

Obviamente, até que se compreendesse o cenário, marcado principalmente pela dificuldade de acesso à internet por significativa parcela do seu alunado, a Unimontes se debruçou na composição de metodologias remotas de ensino que atingissem, com a mínima qualidade, a maior quantidade de acadêmicos possível. Nesse ínterim, os colegas didáticos foram solicitados a organizar e promover ações para o funcionamento remoto dos seus cursos.

No curso de Educação Física/Licenciatura, no primeiro momento, os(as) professores(as) foram orientados(as) a continuarem suas atividades de ensino utilizando as ferramentas virtuais que possibilitassem tais aulas. Porém, antes de serem iniciadas as aulas, os alunos foram contatados e estimulados a participarem. Após dois meses de aulas remotas, a fórmula utilizada, aparentemente, saturou-se e, novamente, o colega teve que arquitetar uma nova metodologia de manutenção das atividades de ensino.

Nessa nova etapa, foram organizadas *Lives*, pela rede social *online Instagram*, onde os(as) professores desenvolveram, em grupos de até quatro participantes, exposições virtuais com temáticas diversas e abrangentes, objetivando alcançar o interesse de todos(as) os(as) alunos da licenciatura em Educação Física. Esta

experiência foi fundamentada, assim, nos requisitos, nas relações técnico-pedagógicas imprescindíveis e nos pressupostos indispensáveis às metodologias de ensino e aprendizagem a partir do emprego de ambientes virtuais (AMARILLA FILHO, 2011).

## **METODOLOGIA**

Dentre os temas abordados pelas *Aulives*<sup>3</sup>, os professores Georgino Jorge de Souza Neto e Rogério Othon Teixeira Alves discutiram a seguinte questão: “Por que devemos estudar História da Educação Física e do Esporte?” A *live* aconteceu, pela plataforma do *Instagram*, no dia 23 de junho de 2020 e foi moderada pela professora Ester Liberato Pereira.

Previamente à experiência da *live*, a preparação envolveu um planejamento e uma organização da temática a ser abordada, por parte dos supracitados professores, bem como da dinâmica para debater-se a respeito. Optou-se por propor uma concisa reflexão, emergida no transcorrer das atuais experiências como professores e pesquisadores no campo de História da Educação Física/Esportes, a qual propusesse, a partir de uma determinada apreensão de formação profissional, argumentar sobre a importância dessa disciplina e dessas pesquisas e estudos para os(as) alunos(as) de graduação e professores(as) de Educação Física, como já apontado por Melo (1997).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O professor Georgino Neto, após fala introdutória da mediadora, professora Ester Liberato, iniciou sua fala ressaltando o fato de estarmos tratando de disciplinas que se situam no campo das ciências sociais e humanas em um curso com forte sentido técnico-prático como o é a Educação Física, ainda que estejamos falando da licenciatura. Neste sentido, não é incomum um certo estranhamento a conteúdos curriculares como Sociologia, Filosofia e História, inclusive relegando, a estes, um lugar “menor” no conjunto constitutivo da formação na área.

---

<sup>3</sup>A expressão *Aulive* foi idealizada pelo colegiado do curso de Educação Física Licenciatura da UNIMONTES, e utilizada como logotipo representativo da metodologia de ensino empregada virtualmente pelos professores nos meses de junho e julho de 2020.

Daí, destacou a pertinência da pergunta: por que devemos estudar História da Educação Física e dos Esportes? Para tentar refletir sobre a questão, Georgino pontuou:

- Tão importante como conhecer o nome dos músculos que compõem o corpo humano, ou as técnicas de aprendizado do voleibol, ou ainda dos conceitos aplicativos da didática escolar, é conhecer o sentido desta prática. Para que aprendemos isto? Objetivamente, para dominar a nossa intervenção profissional, atuando com a qualidade que se espera após o investimento formativo. Então, pergunto: qual o sentido da História? Ora, eu só me reconheço enquanto sujeito a partir do momento em que preservo o domínio da minha memória. Os fatos do passado que iluminam o meu presente. Se a função da História é, então, permitir a compreensão da vida em sociedade e dos seres humanos que a integram e a transformam ao longo do tempo, a História da Educação Física faz com que reconheçamos o nosso lugar de atuação. O que significa ser professor(a) de Educação Física na sociedade atual? E entender o que significa ser professor(a) de Educação Física, na sociedade atual, necessita de um mecanismo de análise em processo histórico. A profissão não é fruto de um geracionismo espontâneo, mas, antes de tudo, uma série de eventos que ocorreram ao longo do tempo e que constituem a nossa identidade enquanto sujeitos sociais.

- Gosto de pensar o exercício histórico a partir dos movimentos de aproximação e afastamento. Vou tentar ilustrar o meu raciocínio: Observem o trecho que vou ler a seguir: “Uma gymnastica sabiamente regulamentada e administrada em nossas escolas poderia modificar parte dos nossos hábitos. Mas se educaremos physicamente uma criança, isto é, fortaleceremos seu organismo, sem nos incomodar se esta criança se alimenta de maneira suficiente, se mora em lugar insalubre, se veste convenientemente? Enquanto se apresentarem à porta de nossas escolas alunos mal vestidos; enquanto as crianças deixarem os edifícios escolares para depois passar horas e horas em pocilgas infectas e úmidas; enquanto a maioria de nossos estudantes continuar vergada sob o peso de doenças hereditárias, os exercícios *gymnasticos* serão inúteis, se não prejudiciais, e a educação *physica* em nossas escolas não passará de um *mytho*, ou pior, de um engano grosseiro e injustificável”.

Num segundo momento, o professor Rogério Othon foi instado pela professora Ester Liberato sobre qual a importância de se estudar a História da Educação Física e do esporte? Para responder, o professor se dispôs a construir e comentar os contextos históricos necessários para a compreensão da questão.

Alegou ser necessário que os(as) alunos(as) tenham em mente que a história da Educação Física brasileira se compõe pela junção do que é importado da Europa desde a chegada dos portugueses por estas terras; visão acadêmica denominada “eurocentrismo” que, ainda que não se note com clareza, todos(as) somos influenciados por ela, pois as informações advindas do velho-continente fazem parte do nosso cotidiano, quer queiramos ou não.

Outro componente da história da Educação Física brasileira é o modo de vida do povo africano instalado no Brasil; pessoas que, por mais de 300 anos, foram comercializadas a contragosto como mão-de-obra escrava para as nações americanas colonizadas pelos europeus. Apesar de subjugados socialmente, e fragilmente libertos no século XIX, o(a) africano(a) compõe o corpo do(a) brasileiro(a) em suas diversas características.

Por fim, nesse quesito histórico, destaca-se, também, o indígena, habitantes primeiros das américas, reprimidos e perseguidos desde sempre. O índio traduz o corpo do sujeito brasileiro com europeus e africanos; obviamente, cabe à história criticar essa junção ao ponto de despertar a reflexão do(a) cidadão(ã), pois, ao entender a composição histórica do corpo, também se deve entender as tensões, resistências e negações que dela emergem.

Assim, a história da Educação Física e do Esporte é fruto das escolhas políticas e econômicas impostas ao país. Por exemplo: A Educação Física teve, nas escolas, um local privilegiado de constituição de mão-de-obra para um Brasil recém-republicano (1889) que se pretendia progressista, moderno, industrial. Simplificando: havia um projeto de nação que se coadunava com um necessário projeto de corpo; assim, para promover o corpo franzino, rural e doentio do brasileiro, as escolas eram locais apropriados e gerariam o corpo ideal para a nova nação do século XX.

No decorrer do citado século, um dos melhores exemplos de desenvolvimento de esporte europeu, foi o vultoso incremento do futebol na rotina do(a) brasileiro(a). Se, inicialmente, era prática elitista, limitada aos ingleses que por aqui passavam ou

se estabeleciam, com o transcorrer do tempo, penetrou todas as classes sociais e, em poucas décadas, tornou-se a prática esportiva mais popular do país, capaz de compor a “identidade” do povo.

Importante frisar que outros esportes também se desenvolveram no século XX e, ao passo que os Jogos Olímpicos se consolidavam como maior megaevento do planeta, reinstalados em 1896 como símbolo do mundo moderno, no Brasil, começaram a surgir atletas notáveis; cidadãos que utilizaram o esporte como ascensor social e econômico, capazes de influenciar, positivamente, a juventude e, por consequência, o(a) estudante de Educação Física.

A partir da segunda metade do século XX, vários atletas e equipes se destacaram e compuseram um rol especial para a nação. A expressão “entrar para a história” começaria a considerar os fatos esportivos.

Sem a necessidade de exatidão cronológica, podem ser notados nessa história:

- O primeiro bicampeão olímpico brasileiro, Adhemar Ferreira da Silva triplista que conquistou o lugar mais alto do pódio nos Jogos Olímpicos de Helsinque (1952) e Melbourne (1956), hall da fama da Federação Internacional de Atletismo<sup>4</sup>;

- Seleção brasileira de futebol: Tricampeã nas Copas do Mundo da Suécia (1958), Chile (1962) e do México (1970). Tal seleção foi palco para a apoteose de Pelé, considerado o Melhor Jogador de Futebol do século pela FIFA<sup>5</sup> e eleito Atleta do Século<sup>6</sup> pelo jornal francês L'equipe e pelo Comitê Olímpico Internacional;

- Seleção brasileira masculina de basquete: bicampeã mundial, no Chile (1959) e no Brasil (1963);

- Maria Esther Bueno, maior tenista do Brasil, campeã em todos os grandes torneios do mundo nas décadas de 1950 e 1960, integrante do Hall da Fama Internacional do Tênis<sup>7</sup>;

---

<sup>4</sup>Disponível em: <https://www.worldathletics.org/athletes/hall-of-fame/2012>. Acesso em: 23 ago. 2020.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20120426005029/http://en03.touri.com/Berichte/FIFA-Spieler/MalePlayer.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/15-de-maio-de-1981-pele-recebetrofeu-de-atleta-do-seculo-de-todos-os-esportes-10810972>. Acesso em: 23 ago. 2020.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.tennisfame.com/hall-of-famers/inductees/maria-bueno>. Acesso em: 23 ago. 2020.

- Eder Jofre, pugilista eleito “Hall da Fama”<sup>8</sup> do boxe mundial. Campeão mundial dos pesos-galo pelas principais associações do mundo nos anos 1960 e campeão dos pesos-pena em 1974.

Por fim, em se tratando de um curso de Educação Física, é fundamental que o(a) acadêmico(a) compreenda que a história não é um amontoado de fatos desconexos; muito contrário, ela compõe a formação identitária do(a) profissional e, a partir dela, o(a) futuro(a) professor(a) se identifica, percebe o seu contexto e pode refletir sobre ações futuras, sem o risco de confundir a expressão “histórico de atleta” como sinônimo de saúde e retidão.

Identifica-se, assim, a partir da articulação entre a teoria que embasou a referida ação e a sua efetiva prática, que urge incentivar-se e investir-se na realização de trabalhos acadêmicos e científicos, de forma constante, que proponham uma discussão acerca da História da Educação Física e do Esporte, uma vez que, de forma geral, ainda localizam-se escassos estudos que anunciem tal inquietação. A ausência de debates deste caráter não colabora, tampouco, com o incentivo à procura por ações ligadas ao redimensionamento do ensino desta disciplina, afora apoiar imprecisões no que acena à sua presença no arcabouço curricular dos cursos de graduação em Educação Física.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enfim, os objetivos propostos foram alcançados, na medida em que se pôde propor um debate acerca dos desígnios da própria graduação em Educação Física em si, a qual necessita oferecer condições, por meio de um preparo teórico aprofundado, para que o/a estudante tenha a capacidade de recriar, invariavelmente, sua ação. E o ideal é que isto possa ocorrer a partir da apreensão da realidade que o/a cerca, dos valores em voga, das particularidades do seu desempenho profissional e das possibilidades de que pode dispor para obtenção de seus objetivos. Os cursos de graduação, assim, devem estar, sempre, ávidos por aparelhar o/a aluno/a para refletir/repensar sua ação, percebendo que existe o imperativo de uma apreensão

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.ibhof.com/pages/about/inductees/modern/jofre.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.

teórica por trás de todo desempenho, que jamais é só prático, concreto, objetivo, material e técnico, mas, de forma inseparável, prático e teórico.

A partir disto, conseqüentemente, um sentido para a História da Educação Física e do Esporte é compreendido. Isto porque a História, quiçá uma das disciplinas mais teóricas do currículo, deparar-se-ia com uma original possibilidade de aporte. É evidente, assim, que não mais poderia ser desenvolvida conforme os superados modelos que, infelizmente, com certa frequência, ainda prevalecem. Identifica-se, assim, que estas reflexões propiciam uma apreensão histórica das dificuldades atreladas à área.

Reflete-se, assim, que não é plausível responder, adequadamente, a pergunta proposta pela *live* se não se citar os próprios domínios do campo científico da historiografia e da teoria da História. Como alento teórico para procurar por respostas, elegeu-se uma afirmativa de Henri-Irenée Marrou. Suas palavras podem ser empregadas para cooperar com a reflexão sobre determinadas possibilidades de acepções, sentidos, por fim, 'aplicações' do estudo da História. Afirma Marrou (1978, p.81): “Para quem não tenha a alma pequena e vil, a experiência da História é de uma grandeza que nos aniquila.”

## REFERÊNCIAS

AMARILLA FILHO, P. Educação a distância: uma abordagem metodológica e didática a partir dos ambientes virtuais. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 41-72, ago./2011.

MARROU, H.I. **Sobre o conhecimento histórico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MELO, V. A. de. Porque devemos estudar história da educação física/esportes nos cursos de graduação? **Motriz** - Volume 3, Número 1, jun./1997.